



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO  
DO SUL

MARCELA SOUZA CORRÊA

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O TEATRO  
SHAKESPEREANO

Dourados- MS  
2014

MARCELA SOUZA CORRÊA

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O TEATRO  
SHAKESPEREANO

Monografia apresentada ao Curso de Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, como requisito final para obtenção do grau de Licenciatura em Letras Habilitação em Inglês.

Orientador: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>a</sup> Márcia Maria Medeiros

Dourados-MS  
2014

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à natureza por todas as chuvas e sol forte me proporcionado no percurso para a faculdade durante todo período da minha caminhada na graduação, aos meus amigos de curso: Alan, Camila e Renata por terem feito toda diferença em minha vida, por terem me acolhido, aconselhado e o mais importante me presenteado com a verdadeira amizade e a mim mesma que apesar de todos os obstáculos que a vida me proporcionou nesse período, cheguei ao objetivo.

*“Reputação é uma imposição tremendamente falsa e inútil, muitas vezes angariada sem mérito e perda sem um real motivo.” – Iago*

CORRÊA, Marcela. **Algumas considerações sobre o teatro shakespereano.** Monografia de Conclusão de Curso UEMS – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Dourados- MS, 2014.

**Resumo:** Neste estudo pretendemos analisar algumas considerações no teatro shakespereano na obra de Otelo: o mouro de Veneza, que mostra as marcas da intriga e do ciúme. Uma das tragédias de Shakespeare, dramaturgo inglês, contemporâneo da época elisabetana, caracterizada pela supervalorização de todas as capacidades do homem, pelo estudo e pelo conhecimento da natureza. A obra retrata o romance assumido pelo general negro Otelo e a dama branca Desdêmona, que não condiz com os padrões sociais da sociedade em que vive, uma narrativa marcada pela valorização masculina, capaz de transitar da honra para a desonra, da idealização para degradação. Por ser fiel a Otelo, a esposa é honesta e ingênua, caminhando para sua ruína, pois não condiz com os valores do mundo dos homens.

**Palavras-Chave:** Shakespeare, mulher, violência.

CORRÊA, Marcela. **Algumas considerações sobre o teatro shakespereano.**  
Monografia de Conclusão de Curso UEMS – Universidade Estadual de Mato  
Grosso do Sul. Dourados- MS, 2014.

**Abstract:** In this study, we intend to analyze some considerations in Shakespearean theater in the *Othello, the moor of Venice*, that marks of intrigues and the jealousy, one of the tragedies of Shakespeare, dramatist English, contemporary of the Elizabeth's time, characterized for the super valuation of all the capacities of the man and for the study and knowledge of the nature. The workmanship the romance assumed for Black general Otelo and White lady Desdêmona, Who not say like with the social Standards of the society where they live, a narrative marked for the Law of the male, capable to transito f the honor for the dishonor, of the imagination for the degradation. For to be faithful the Otelo, the wife is honest, believer and ingenuous, walking for its ruin, therefore not say like the values of the world of the men.

**Keywords:** Shakespeare, woman, violence.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	8
1. Renascimento: uma contextualização histórica do tempo de William Shakespeare.....	10
2. A Tragédia no Teatro de William Shakespeare .....	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	32

## INTRODUÇÃO

A presente pesquisa pretende analisar algumas condições consideráveis no teatro shakespereano na obra *Otelo: o mouro de Veneza*, escrito por volta de 1603, por William Shakespeare. Tem como tema racismo, amor, ciúme e traição girando em torno de quatro personagens: Otelo, um general mouro que serve o reino de Veneza, sua esposa Desdêmona, seu tenente Cássio e seu alferes Iago. Essa obra devido a contemporaneidade vem sendo estudada até os dias de hoje. Sendo encenada segundo dados históricos pela primeira vez em novembro de 1604, no Palácio de Whitehall, em Londres.

Considerado como o maior dramaturgo da literatura universal e poeta nacional da Inglaterra, Shakespeare escreveu suas obras para um pequeno teatro de repertório, no final do século XVI e no início do século XVII, e até os dias atuais, suas peças caem no gosto das plateias em todo o mundo, sendo inspirações para filmes e sendo frequentemente encenadas mais do que qualquer outro autor teatral.

Cerca da metade dos textos do dramaturgo foi publicada em vida, sendo que a primeira coletânea de sua obra surgiu somente em 1623, vários anos depois de sua morte. Devido a isso, pairam dúvidas e controvérsias quanto à cronologia das obras e juntamente, quanto a evolução literária e ideológica do autor. Com muitos estudos e pesquisas alguns críticos da literatura puderam estabelecer uma cronologia de suas peças, tendo como base suas primeiras edições, traçando assim uma representação na evolução dessas obras. Podendo assim então dividir em três fases: Período de formação, maturidade e últimos anos de vida do autor.

A época *elisabetana*, situada no período do Renascimento europeu, é contemporânea na carreira literária de Shakespeare. Caracterizada pela supervalorização de todas as capacidades dos homens e pelo estudo e conhecimento da natureza, diferenciando-se da cultura medieval, que era

concentrada na adoração a Deus, no estudo dos livros sagrados e assuntos espirituais, sendo seu auge nos séculos XIV, XV e XVI, em vários países da Europa, tendo como proposta, repensar as artes, as letras e as ciências.

Essa pesquisa está organizada da seguinte maneira: Mostrando o perfil biográfico do autor, é feito um levantamento histórico do período elisabetano, é traçado o perfil crítico da época, contextualizando todo o período que viveu o autor.

Colocamos em destaque a diferença entre tragédia e comédia, resumimos a obra e, por fim, analisamos suas considerações, destacando a violência contra as mulheres na época, numa sociedade patriarcal, onde ficavam com o papel secundário.

A partir desse estudo, esperamos contribuir para os assuntos literários e incentivar a leitura dos clássicos universais.

## 1. Renascimento: contextualização histórica do tempo de William Shakespeare

O Renascimento trouxe consigo uma nova visão de mundo, entre os séculos XV e XVI, onde o Ocidente Europeu assistiu a um processo de ressurgimento de comércio nas cidades, estabelecendo forte contato com o Oriente, criando um eixo comercial, reforçando o crescimento e desenvolvimento na produção em toda a Europa. A partir daí a economia da subsistência e de trocas naturais passava a ser suplantada pela economia monetária, as influências da cidade prevaleceram sobre o campo. A burguesia procurava qualquer forma para conquistar o poder político e prestígio social.

Em meados do século XIV, o mundo europeu enfrentou um processo de colapso devido à crise do Feudalismo<sup>1</sup>, a qual deu início a mudanças drásticas na sociedade nos setores econômicos e políticos, pois diluiu de vez o domínio feudal. E os principais fatores apontados pelos historiadores responsáveis por esse refluxo econômico são: a Peste Negra, a Guerra dos 100 anos e as revoltas populares.

A causa principal da Peste Negra foi o estado precário das condições sanitárias da época, onde faltava higiene e o fluxo de casas construídas era desordenado, promovendo assim o crescimento urbano desenfreado. Assim as pessoas fugiam para outros lugares, levando consigo os focos epidêmicos, esparramando a doença por cerca de um terço da população europeia. Sobre o assunto Sevchenko informa que:

Com o declínio demográfico causado pela guerra e pela peste, os senhores feudais passaram a aumentar a carga de trabalhos e impostos aos camponeses remanescentes, a fim de não diminuir seus rendimentos. Era contra essa superexploração que os trabalhadores se revoltavam. A solução foi adotar uma forma de trabalho mais rentável, através da qual poucos homens pudessem produzir mais. Adotou-se então, preferencialmente, o trabalho assalariado, o arrendamento, ou seja, os servos foram liberados para vender seus excedentes no mercado das cidades. Assim, estimulados pela perspectiva de um rendimento

---

<sup>1</sup>Entende-se por Feudalismo a organização social, política, econômica e cultural instituída na Europa Ocidental entre os séculos X e XVI.

próprio, os trabalhadores e arrendatários incrementam as técnicas e aumenta a produção. Passaram a predominar, portanto, as atividades agro comerciais, como a produção de cereais e de lã, e os novos empresários passaram a exigir a propriedade exclusiva e privada das terras em que investiam. Tudo isso concorreu para a dissolução do sistema feudal de produção. (Sevcenko, 1988, p. 07).

Nesse contexto ocorreu um processo de crescente monetarização da economia, em parte provocado pela Guerra dos 100 Anos sendo que por conta dele o nascente Estado Nacional francês criou o primeiro imposto de cunho geral colocado e cobrado de toda a população, a *tallie royale*, o qual servia para a manutenção do exército. A Peste Negra, agregada a Guerra dos 100 Anos, causou uma grande dificuldade em encontrar mão de obra, o que gerou o surgimento do trabalho assalariado na Europa. Nesse contexto os servos conseguiam a sua emancipação e as cidades e os burgueses que as habitavam se fortaleciam em relação ao mundo rural.

Esse foi o cenário que abriu o século XVI. Uma nova ordem social é lançada, na qual os indivíduos concorrem entre si, por decorrência da ruptura dos antigos laços sociais de dependência e de regras corporativas conforme as condições postas pelo Estado e o Capitalismo. Assim, o humanismo traz em si uma nova visão de mundo, na qual um conjunto de indivíduos que desde o século anterior vinha se esforçando para modificar e renovar os padrões intelectuais se impõe, onde os valores da Antiguidade foram novamente trazidos à tona.

Mas a imitação da forma antiga não seria uma mera repetição, e sim uma busca de inspiração em seus atos, suas crenças, suas realizações de forma a inserir um ideal do homem europeu. Um comportamento que ansiava por determinação de vontade, desejo de mudanças e conquistas. Estabeleceram-se então as bases das línguas nacionais europeias e passou-se a um estudo histórico da nova sociedade urbana.

Criou-se assim o choque entre o ponto de vista dos teólogos tradicionais e os humanistas: os primeiros defendiam os valores culturais medievais, para eles nenhuma mudança importava se não fosse no interior da alma. Estes pensadores tinham toda uma preocupação voltada para a alma humana e Deus, ou seja, para os fenômenos espirituais.

Já os humanistas estavam voltados para o aqui e o agora, para o mundo concreto dos seres humanos e da natureza, pensando em ter um controle maior diante de seus destinos. Ficava por um lado a pregação do clero tradicional reforçando a submissão dos homens, e por outro a postura dos humanistas completamente diferentes, a qual valorizava o que de divino existia em cada homem, induzindo a criar e produzir de forma que o mundo se expandisse de acordo com suas vontades e interesses.

Como os pensadores humanistas partiam do pressuposto da individualidade, houve diferentes correntes dentro do humanismo, as quais interpretavam as mensagens antigas e atuais de acordo com o ponto de vista que parecesse mais adequado para o momento. O palco mais prodigioso na manifestação renascentista, com certeza foi à cidade de Florença, onde desenvolveu-se uma das correntes mais significativas do pensamento humanista: o platonismo, cheio de conseqüências para toda história e ideia das artes naquele período. O aspecto mais característico e notável do platonismo consistia no seu espiritualismo difuso, aonde todo o ideal de beleza vinha de um ser divino, sendo assim a exaltação, o cultivo e adoração do belo era considerado o mais elevado grau de virtude para adoração de Deus.

A produção do belo através da arte era um ato sublime de que somente o homem é capaz. Mas a arte não é mera imitação da natureza e sim a superação no sentido absoluto, essa tal superação só era vista conforme um conhecimento rigoroso de leis e propriedades que permitissem transpor harmonia nas obras de arte através da elaboração matemática precisa.

O Renascimento traz em si a imagem e a lembrança de artistas e obras famosas, amplamente reproduzidas e difundidas até os dias de hoje, como “Monalisa” e a “Última Ceia” de Leonardo da Vinci, o “Juízo Final”, a “Pietâ” e o “Moisés” de Michelangelo, “Madonas” de Rafael que permaneceram como um modelo frequente da mãe de Cristo.

A nova camada burguesa, a qual se impôs social e economicamente, tornou necessário construir uma nova imagem daquela sociedade, sendo assim as famílias que possuíam riquezas, começaram a utilizar parte da riqueza para construir belas edificações nas cidades como: igrejas, catedrais e capelas.

Esses novos financiadores tinham por finalidade formar uma nova cultura, com uma visão mais racional, dinâmica, progressiva, otimista e opulenta no mundo e da sociedade. Essa luta cultural deve ser compreendida como uma dimensão da luta da burguesia, para afirmar-se diante do clero e nobreza, e de seus ideais de submissão piedosa e da cavalaria medieval.

O românico foi uma arte expressiva da cultura medieval do Ocidente europeu, denso, pesado e com suas catedrais em forma de fortalezas militares. Suas figuras exclusivamente religiosas eram estáticas, de formas e expressões invariáveis, de volumes e dimensões uniformes. Uma arte estática, rústica, inalterável e sagrada, como a sociedade que ela representava.

O românico prevaleceu por toda a Idade Média, na última fase do período medieval, aparece o gótico, arte essa de raiz germânica. Sua característica era romper com a arte românica e as catedrais ganhariam uma nova concepção, baseada na leveza dos arcos ogivais e na sutileza da iluminação dos vitrais, dinâmicos e multicoloridos. Sevcenko assim descreve esse tipo de arte:

(...) a arte era concebida como instrumento didático. Num universo social de analfabetos (praticamente só o clero sabia ler e escrever), eram as imagens vista pelos fiéis por dentro e por fora, ao longo de toda igreja, que transmitiam e repetiam as lições da teologia cristã. A arte não tinha, pois, um fim em si mesmo e não guardava nenhuma relação necessária com a realidade concreta e cotidiano do mundo; (Sevcenko, 1998, p.27)

A criação das línguas nacionais as quais alavancaram a produção literária e o teatro trouxeram significativas contribuições, destacando-se entre as obras do período *Divina comedia* de Dante Alighieri (1265-1321). A obra representa a síntese mais bem-acabada de todos os valores que nortearam os medievos, mas traz consigo também os prenúncios dos fundamentos que vão nortear a civilização moderna.

Por outro lado, os intelectuais e letrados do Renascimento, desejosos de compreender, exaltar e interferir na vida cotidiana e concreta das cidades e estados procuravam em suas obras um recurso para que suas línguas chegassem à camada mais

ampla possível da população. Procuraram fixar um padrão do que deveria constituir a língua literária.

A variedade da produção literária renascentista é muito grande. Os gêneros utilizados geralmente remetiam a antiguidade clássica que continha os poemas épicos, a poesia lírica, o drama pastoral, as narrativas satíricas, a tragédia e a comédia. O gênero mais explorado frequentemente era a poesia lírica com uma temática sempre intimista e apaixonada, dedicado à expansão do sentimento aplicado de um amor fervoroso por uma amada sempre longínqua e inatingível. Esse lirismo platônico com um forte elemento místico, onde a amada representa o bem, o belo, a perfeição, apresenta uma forma de idealização que identifica a última instância com a fé.

O poeta leva então a sublimação de sua paixão a ponto de atingir um estado febril de excitação que se definiria por um impulso criativo como arrebatamento de inspiração poética. O poeta assim seria o próprio experimentador que explora, avalia, anuncia os limites mais extremos da emoção, da sensibilidade e da imaginação humana.

Outro gênero desse período é a poesia pastoral, baseada nos poemas bucólicos de Virgílio. Na lista dos estilos poéticos existe também a epopeia, mais notável pelo seu significado histórico, a qual procura enaltecer e glorificar as nações emergentes, legitimando simbolicamente os Estados monárquicos que se centralizavam e agigantavam nesse momento histórico. Uma das mais famosas epopeias desse período representa a saga na nação portuguesa: *Os Lusíadas* de Camões.

Outro gênero recuperado da antiguidade clássica é o teatro, que encontraria uma enorme aceitação nesse período e nas duas grandes vertentes: a tragédia e a comédia. Os cenários eram simultâneos, permanecendo todos armados um ao lado do outro, independente de qual seria usado, e os próprios atores ficavam o tempo todo na cena, mesmo que não estivessem participando do ato da apresentação.

A primeira tragédia clássica publicada em língua popular renascentista foi a *Sofonisba* (1515) de Giangiorgio Trissino, humanista italiano. O autor, pretendendo recuperar por inteiro esse gênero clássico, seguiu as normas da tragédia grega, dando a peça unidade de tempo, espaço e ação.

Segundo Agnes Heller, o Renascimento constituiu-se em um tipo de revolução social e econômica onde tudo se tornou fluido, sucedendo mudanças sociais, a hierarquia social também resultou nessa mudança rápida. Para o homem renascentista que tinha suas raízes consolidadas no capitalismo, destruiu-se a sua relação como indivíduo natural, com suas famílias, a sua situação e conseqüentemente seu lugar social abalando toda hierarquia e estabilidades conhecidas até então.

Através desta autora pode-se compreender melhor o Renascimento como:

“(...) um processo social total, estendendo-se da esfera social e econômica onde a estrutura básica da sociedade foi afetada até ao domínio da cultura, envolvendo a vida de todos os dias e as maneiras de pensar, as práticas morais e os ideais éticos quotidianos, as formas de consciência religiosa, a arte e a ciência” (Heller, 1982, p. 9).

Essa nova estruturação básica, envolveu a constituição de outra estruturação básica, criando um novo modo de produzir, transformando as relações sociais da burguesia. Sobre o assunto Heller informa que:

As maneiras de viver dos homens do Renascimento (...) tinham suas raízes no processo através do qual os primórdios do capitalismo destruíram a relação natural entre o indivíduo e a comunidade, dissolveram os elos naturais que ligavam o homem à sua família, à sua situação social e ao seu lugar previamente definido na sociedade, e abalaram toda a hierarquia e estabilidade, tornando as relações sociais fluidas tanto no que se refere ao arranjo das classes e dos estratos sociais como ao lugar dos indivíduos neles (Heller, 1982, p. 11).

A ruptura da condição limitada e estática acaba proporcionando certo dinamismo, dando assim impulso para transformações mais profundas. Com o desenvolvimento do capitalismo, a riqueza passa a ser a meta a ser atingida e todas as características sociais se modificam, postando o homem em um constante processo de devir (HELLER, 1982, p.14).

Após identificar esse homem dinâmico segundo o conceito Renascentista, onde ele supera todos os limites anteriores sustentados, mexe-se com os parâmetros da tradição

e costumes, tendo um papel de autonomia moral combinado ao caráter pessoal. É daí que surge o caráter pessoal do homem a atuar, vindo o que por conta de suas escolhas, se faz necessário. Ainda segundo Heller:

(...) questão de apreender corretamente o dinamismo da sociedade (...); as convenções não podiam servir de base para intuir a tendência do movimento social, dado que esta intuição era em si própria oposta à convenção e, por outro lado, a rotina burguesa também ainda não se tinha desenvolvido. (...) o aspecto essencial consistia em avaliar até que ponto deixara sua marca no mundo (...). Assim, o indivíduo começou a modelar o seu próprio destino, e não apenas num sentido ético; a dialética do homem e do destino transformou-se na categoria central de um conceito dinâmico de homem (Heller, 1982, p. 15).

Há toda uma tendência que permeava as manifestações renascentistas, tendo como esforço certa conjunção entre o real e o campo simbólico em ênfase com potencialidade, os recursos limites do corpo e do espírito humano. Não há somente uma experiência histórica renascentista, mas sim múltiplas. E a maior característica desse fenômeno histórico, é sua rica variedade práticas de produções.

Esses autores eram muito mais complexos se olharmos com mais detalhes suas múltiplas facetas. É claro que a sociedade elegeu suas melhores opções, adotando e incorporando todos os seus elementos e sua significação. Principalmente aqueles que tinham interesses que se tornaram predominantes.

Os próprios renascentistas tinham elaborado os componentes que agiriam de melhor forma em relação a sua arte, o que nos leva perceber que houve um afinamento que se torna cada vez mais estreito dirigindo para uma visão cada vez mais unilinear, ou seja, destacando a racionalização e a experiência humana. E isso de certa forma causa uma inquietude, pois partimos da visão do múltiplo para o único, do concreto para o abstrato, da vida para o conceito, e nossa experiência cultural corre o risco de se estreitar ou se empobrecer.

O Renascimento é uma maneira excepcional de desenvolver a vitalidade da

cultura humana, que ansiou por uma geral liberdade. Pode ser visto como uma raiz para a consciência moderna, havendo nela um espaço equivalente para a fantasia, a angústia, o desejo, à vontade, a sensação e o medo.

É dentro deste contexto que se desenvolveu o teatro inglês. O florescimento notável do teatro inglês no período de Elizabeth I (1558-1603) deve-se em parte a um momento de intensa participação e consolidação do poder central, expressão externa e grande melhoria para a sociedade inglesa.

A partir daí forma-se uma geração de escritores que daria o tom do Renascimento inglês e de todos esses escritores surge um como figura predominante, Willian Shakespeare, filho de um fabricante de luvas e roupas de pele, que foi ator profissional, passando após o ser sócio da companhia teatral, empresário teatral, terminando a vida como um próspero empresário.

Willian Shakespeare segundo alguns historiadores pode ter nascido em 23 de abril de 1564 na cidade de Stratford-Avon, Inglaterra, podendo gozar de uma vida rica dos 12 aos 16 anos. Após a falência de seu pai, foi obrigado a deixar os estudos e trabalhar, passando ajudar no sustento da família. Mas devido sua boa educação, através da qual aprendeu grego, latim e inglês na escola, guardava conhecimentos elementares, continuou a ler autores clássicos, poemas, novelas e crônicas históricas.

Aos 18 anos casou-se com Anna Hathaway, oito anos mais velha, com quem teve três filhos, Susanna Hall, e os gêmeos Hamnet e Judith Quiney. Com 23 anos seguiu sozinho para Londres, onde teve muitos empregos, e o mais significativo deles foi de guardador de cavalos em um teatro. Após um tempo Shakespeare passou a copiar e representar alguns papéis. Acredita-se que Shakespeare tenha retornado à Stratford em 1613, morrendo três anos depois.

Willian Shakespeare foi um poeta e dramaturgo influente em todo mundo, sendo chamado de Poeta Nacional da Inglaterra. Em sua época as obras eram escritas a mão, com caneta em pena e pele de animal, onde as anotações eram corrigidas no próprio material, que às vezes era perdido, pois não havia cópias.

Portanto, fica praticamente impossível ter exata data de suas obras, mas pode-se classificá-las em três grandes períodos de sua vida, da juventude à velhice: as obras do

primeiro período entre os anos de 1590 a 1602, marcados por sonhos juvenis, alegrias, dramas históricos e tragédia no estilo renascentista. O segundo período em 1610, marcados por crônicas e comédias românticas, com grandes tragédias e comédias amargas. O terceiro período marcado por depressão e tristeza no ano de 1616 até sua morte. Motivo que pode ter levado o autor a sentir-se deprimido e desiludido.

Suas obras foram traduzidas em vários idiomas e encenadas mais do que as de qualquer outro dramaturgo. Muitos de seus textos são contextualizados e permanecem vivos até o dia de hoje no teatro, cinema e livros, inspirando novos autores. Uma das obras mais conhecidas é *Romeu e Julieta*, uma história de amor e tragédia, com a marca tradicional do autor.

Pouquíssimo se sabe sobre a infância e a juventude de Shakespeare. A maior parte dos registros se perdeu ou simplesmente não existe. Sabe-se que ele certamente estudou na *The King's New School* quando criança, pois era uma escola fundada com o objetivo de educar os filhos de cidadãos proeminentes.

Shakespeare durante toda sua carreira participou de companhias teatrais, porém é em 1594 que ele se estabelece com a *The Lord's Chamberlain Men*, criada depois de um período onde os teatros foram forçadamente fechados devido à peste bubônica. Shakespeare se tornaria sócio da companhia, conseguindo assim uma base financeira sólida para seus investimentos futuros, até o final de sua vida.

Os anos de 1594 a 1599 foram de extrema importância para Shakespeare. Ele produziu um fluxo constante de peças da mais alta qualidade e invenção verbal, e continuou sendo o principal ator e administrador da *Chamberlain's Men*. Sendo assim prosperou e fez bons investimentos em Stratford. Ainda em 1599, tornou-se proprietário de parte do teatro de maior prestígio do público em Londres, o *Globe*. Com a reabertura dos teatros no verão de 1594 e a confiança de ser um *Chamberlain's Men*, Shakespeare começou uma produção.

Não apenas Shakespeare prosperara durante estes anos mas a *Chamberlain's Men* virou a companhia teatral mais famosa da época, se apresentando na corte mais do que qualquer outra. Shakespeare aparece em registros de 1603 e 1616 como ator principal de tragédias e comédias apresentadas à rainha. As apresentações públicas eram realizadas no *The Theatre* alugado para James Burbage por um certo Giles Allen, puritano contrário às

artes do palco. Quando a concessão expirou, Giles retomou o lugar, planejando “...Converter suas madeiras e vigas para melhor utilização...” (SCHOENBAUM, William Shakespeare A Documentary Life, Oxford, 1975, p.45). Shakespeare faleceu em 23 de abril de 1616 e foi enterrado na *Holy Trinity Church* em 25 de abril. Sete anos após sua morte, foi publicado o primeiro Fólho, contendo 36 peças, 18 inéditas.

Nos dias de hoje, embora amplamente aceita a história de William Shakespeare de Stratford, existem algumas teorias que afirmam que Shakespeare como conhecemos não poderia ter sido o autor de suas peças, seja pela falta de estudos ou pela falta de influências. Porém, são apenas especulações.

## 2-A Tragédia no Teatro de William Shakespeare

Antes de abordar a peça teatral de William Shakespeare que será estudada neste trabalho (Otelo) cabe realizar uma pequena análise relacionada às diferenças entre os textos considerados trágicos e os textos considerados cômicos para que melhor se possa observar as nuances da obra shakespereana e seus detalhes.

Ao longo da história até os dias de hoje tragédia e comédia são à base da dramaturgia. Acredita-se que as práticas relativas a encenações relacionadas aos dois gêneros já ocorriam entre egípcios, mesopotâmios, hindus e chineses (enciclopédia-teatro). Porém, o que consideramos teatro tendo por base questões como estrutura física e organização de personagens, é expressão nascida na Grécia Antiga, onde os primeiros dramaturgos e anfiteatros surgiram, em meados do século V. Assim podemos dizer que o conceito e características do teatro como o conhecemos, foram de responsabilidade dos gregos.

As peças representadas pelos seus atores retratavam histórias de grandes feitos, mitos, vitória militares e também muitos casos sobre o cotidiano, política e o Estado. Tais espetáculos não possuíam muitos atores envolvidos, sendo mais comum serem comandados por um coro que dialogava com os personagens. Em algumas peças havia a presença de músicos, sendo que também não havia uma preocupação relativa a grandes cenários. O que garantia o espetáculo eram as roupas e a utilização de máscaras.

As tragédias eram as histórias dramáticas, que mostravam personagens que não aceitavam a vontade divina, e por conta disso não ficavam impunes tendo um destino impiedoso. Sua principal característica era o terror causado ao público, o herói sofria duras penas e esse processo estava traçado devido a existência do chamado *fatum*, ou seja, o herói deveria sofrer pois esse era seu inalienável destino.

A tragédia possui algumas características essenciais como, por exemplo, a personagem principal é sempre de cunho forte e de peso como um herói ou heroína do calibre de Édipo ou Desdêmona. Essa figura consegue manter certa integridade moral, mesmo quando tudo desaba ao seu redor. Em seu caminho aparecem situações não

solucionáveis nas quais ela cai, sem que a vida lhe dê uma trégua. A tragédia também demonstra os terríveis estragos que as paixões humanas causam, relatando o desespero daquele que se deixa levar por esse sentimento.

As comédias são representadas por formas satíricas, histórias engraçadas, na qual se desenrolam situações cômicas sobre o cotidiano. Se a tragédia fala sobre personagens que se tornam uma espécie de heróis, a comédia trata de pessoas comuns. Podiam ser escritas em verso e envolviam ações corrigidas por meio do ridículo. Em alguns casos podiam constituir uma moral retratando questões inerentes ao poder político, a burocracia e à valorização do dinheiro.

A partir dessas informações sobre ambos os gêneros teatrais e denotando a sua origem grega não estranha que o período do Renascimento Cultural que buscou reavivar o gosto pela cultura clássica tivesse o teatro como uma das referências, sendo que foram surgindo grupos pequenos de teatro os quais eram independentes, principalmente nas cidades italianas. Eles se apresentavam em pequenos palcos e arquibancadas e suas peças eram encenadas em praças públicas e mesmo no campo. Em geral elas relatavam confusões cotidianas, com atores profissionais ou amadores onde era comum haver improvisos.

Tais grupos constituíam o que se chamava de *commedia dell'arte*, onde os personagens ficaram conhecidos devido as suas vestes coloridas e extravagantes. Dentre eles destacavam-se os arlequins, cuja maquiagem remetia a figura dos bobos da corte, e representavam a sociedade italiana da época.

Porém o desenvolvimento do teatro não se deu única e exclusivamente na Itália. A Inglaterra também foi palco de um grande desenvolvimento desta arte, sendo que mantinha algumas características correspondentes ao teatro grego, conforme referido anteriormente:

Os teatros de madeira elisabetanos eram construções simples, a céu aberto, com um palco que se projetava a frente, em volta do qual se punha a plateia, de pé. Ao fundo, havia duas portas, pelas quais os atores entravam e saíam. Acima, uma sacada, que era usada quando era necessário mostrar uma cena que se passasse em uma ambientação secundária. Não havia cenários, o que abria toda uma gama de versáteis

possibilidades, já que, sem cortina a peça começava quando entrava o primeiro ator e terminava à saída do último, e simples objetos e peças de vestuário desempenhavam importantes funções para localizar a história. (SHAKEASPEARE, 2010, p. 6).

A partir do século XVI, a Inglaterra passou a contar com verdadeiras companhias de atores e dramaturgos, principalmente no governo da rainha Elizabeth I<sup>2</sup>, tendo o mais famoso dramaturgo inglês, William Shakespeare. Em suas obras destacavam-se as tragédias nas quais o autor relatava amores impossíveis, histórias dramáticas de morte e vingança, com personagens que costumavam possuir certa importância social. Esse é o caso da peça em análise neste trabalho, a saber, Otelo. Nela, o autor narra a história do mouro de Veneza.

A tragédia é composta por cinco atos, nos quais a trama se dá em torno de sentimentos como inveja e traição. Inicia-se com os personagens Rodrigo e Iago. Rodrigo é um jovem apaixonado, enquanto Iago tem como papel induzi-lo para fazer reclame ao pai de sua amada, um homem afortunado, senador de Veneza, que sua filha havia fugido, para casar-se com Otelo, mouro de Veneza, guerreiro, comandante de guerra e negro.

Iago usa de fortes argumentos para convencer Rodrigo a gritar por Brabânçio, pai de Desdêmona. Quando ele aparece na janela, Rodrigo anuncia que um roubo foi feito em sua residência. Confirmando que o ladrão havia levado seu bem mais precioso, sua filha.

O interesse de Iago era vingar-se, pois Otelo tinha dado um posto de oficial para Cássio, Iago acha injusto ele não ter sido o agraciado pela nova condição e começa arquitetar sua vingança. Iago representa a figura de um homem que é capaz de realizar articulações para obter o que deseja além de possuir grande capacidade de persuasão o que lhe garante a facilidade em convencer os outros, pois sempre possui argumentos favoráveis.

Cássio foi promovido ao posto de tenente, sendo também o responsável pela intermediação na relação de Otelo e Desdêmona, homem de confiança que colaborava levando recados de um para o outro. Esse fato foi um dos elementos que levou Otelo a

---

<sup>2</sup> Elizabeth I foi rainha da Inglaterra e da Irlanda de 1558 até sua morte em 1603. Filha de Henrique VIII e Ana Bolena, também é conhecida como “A Rainha Virgem”, “Gloriana” e “A Boa Bess”. Ela foi a quinta e última monarca representante da casa Tudor.

promover Cássio o que enfureceu Iago, o qual considerava que a mudança de posto entre os oficiais deveria ter por base o seu tempo servido e não condições de amizades.

Brabâncio deixava a filha livre para a escolha de seu futuro esposo, e quando soube que ela fugira com o Mouro, sentiu-se traído e desgostoso pela atitude da jovem, saindo em busca da moça, jurando matar Otelo. Ele acreditava que sua filha fora convencida a se casar através de rituais de magias, dos quais ele insinua que o Mouro faça parte. Quando Brabâncio e Otelo se encontram e começam a discutir sobre o “roubo”, recebem também um comunicado que o Doge<sup>3</sup> de Veneza os convoca para uma importante reunião.

Ao chegar à reunião Brabâncio faz acusação ao Mouro, dizendo que ele tinha roubado sua pobre filha, por meios de bruxarias. Otelo, um homem de caráter nobre, bem estimado pela sociedade de Veneza, um general da cidade, fez sua defesa relatando como iniciou sua história de amor com Desdêmona, o que foi confirmado pela própria que também aparece no local.

Otelo era o único capaz de conduzir o exército veneziano em batalha, a qual estava se desenrolando na ilha de Chipre. Assim o casal foi perdoado pelo Doge e sem mais demora seguiu para Chipre em barcos separados, sendo que uma tempestade desviou as embarcações da rota e Desdêmona chegou primeiro à ilha. Depois de um tempo Otelo desembarca com a notícia que a guerra havia acabado, pois devido a tempestade os turcos foram destruídos pelas leis da natureza.

A partir daí Iago começou a executar o seu plano: além de sua habilidade com as palavras, era também um conhecedor das atitudes humanas e sabia que algo que deixava um homem intrigado ao ponto de se perder, era o ciúme. Sabia ele que Cássio, era o homem de mais confiança de Otelo, sabia também que a beleza de Cássio era o que mais agradava as mulheres, que ele despertaria o ciúme de qualquer homem, até mesmo Otelo: um negro que não possuía muita estima casado com uma linda jovem branca.

Iago então convence Cássio a se embriagar e por uma futilidade este último se envolve em uma briga durante uma festa na ilha. Quando Otelo fica sabendo do ocorrido destitui Cássio do seu posto. Iago sugere que Cássio deveria procurar Desdêmona e pedir

---

<sup>3</sup>Doge: Título dos governantes de Veneza do período de 697 a 1797. O nome Doge provém da palavra latina dux. Que significa chefe.

para que esta interceda em seu nome, a fim de que seu amo o perdoasse e voltasse atrás de sua decisão.

Cássio seguiu o conselho de Iago e procurou a jovem esposa de Otelo suplicando para que ela o ajudasse. Desdêmona anuiu dando sua palavra de que não descansaria até fazer com seu marido o perdoasse.

Enquanto isso, Iago começou inflamar Otelo, insinuando que Cássio teria um caso com Desdêmona, num plano muito bem elaborado, plantando a semente da dúvida em seu general. Assim com tantas insinuações feitas por Iago, Otelo começa a desconfiar de sua esposa.

Iago sabia que o mouro havia presenteado sua esposa com um lenço, lenço esse que ela deixara cair por descuido. Quando Emília, esposa de Iago acha o lenço, ela o guarda e entrega ao marido, sem devolvê-lo a legítima dona.

Otelo havia herdado este lenço de sua mãe, e acreditava que o mesmo possuía poderes mágicos, sendo que enquanto sua mulher o possuísse a felicidade do casal estaria garantida. Ciente da superstição do seu amo Iago fala para Otelo que sua esposa havia presenteado seu amante Cássio com o lenço. Otelo já enciumado começou a perguntar do lenço para sua mulher e ela não soube explicar onde estaria o mesmo, causando assim mais certeza de que algo estava acontecendo.

Nesse ínterim, Iago pegou o lenço e o colocou nas coisas de Cássio no alojamento. Cássio encontrou o lenço e pediu para Bianca, uma mulher com a qual ele possuía um relacionamento, que fizesse uma cópia para ele. Para provar que Cássio e Desdêmona tinham um caso, Iago provoca uma situação onde Otelo, escondido, ouça uma conversa que ele terá com Cássio. O objeto da conversa é Bianca, mas Otelo de nada sabe e acredita estarem eles falando de sua esposa.

Otelo escondido, só ouve parte da conversa, imaginando então que era de Desdêmona que falavam. Ficando assim furioso, amaldiçoa a esposa e é tomado por um ódio, um ciúme, um sentimento de ira, sem nenhum pesar. Otelo ainda testemunha Bianca, devolvendo o lenço para Cássio, confirmando então o que estava a desconfiar, que sua mulher o havia presenteado com o tal lenço.

O desenrolar da trama se desdobra em tragédia, com Iago jurando lealdade ao seu general diz que assassinará Cássio. Otelo por sua vez, só pensa em se vingar do ultraje

sofrido em sua honra e pretende matar Desdêmona. Iago deseja realmente matar Cássio e Rodrigo. Dessa forma se livraria de dois problemas: Cássio que havia ocupado o lugar que por direito ele pensava ser seu; e Rodrigo a quem enganara solicitando uma quantia em dinheiro que prometera entregar a Desdêmona além de garantir que Rodrigo ficaria com ela.

Iago organiza a trama de tal forma que faz com que Rodrigo tente matar Cássio, tentativa frustrada na qual aquele morre. Iago então perfura a perna de Cássio, mas ele não consegue ver seu agressor. Otelo ouve um grito de dor, acha que Cássio está sendo morto e vai para sua casa. Entra no quarto e vê Desdêmona a sua espera, ele a beija, dizendo ser o último beijo, pois ela morrerá. Emília bate na porta, para avisar o que estava acontecendo, ou seja, para anunciar que Rodrigo estava morto e Cássio ferido.

Otelo descontrolado pelo ciúme, acreditando que sua mulher era uma vil traidora, a mata. Emília ao ver o que mouro havia feito, revelou que na verdade, ela havia achado o lenço e dado para seu marido Iago uma vez que este insistia em ter o lenço.

Iago ao ver sua esposa declarando a verdade para Otelo; a frente de Ludovico, tio de Desdêmona; e Montano governador de Chipre, a mata e foge, logo sendo capturado. Otelo percebendo a injustiça que fez e estando armado, tira sua própria vida com sua espada. Iago é entregue as autoridades e Cássio toma o posto de Otelo.

O ponto chave é onde Iago articula a todo o momento na obra para seu benefício no pensamento de sua vingança, isso fica implícito logo de início, o que Iago pretende é tirar vantagem para conseguir a qualquer custo que sua vingança seja posta em prática. Usando toda sua manipulação e egoísmo fazendo com todos os personagens que o cercam como marionetes. O grande sujeito na obra acaba sendo o vilão, pois ele está presente em praticamente todas as cenas.

...Qual o que não tem remédio. Esta é a praga do serviço militar: as promoções acontecem por recomendações ou simpatias, e não pela velha graduação, onde sempre o segundo herda o posto do primeiro. Agora, meu senhor, seja o senhor mesmo juiz dessa questão: posso eu, com justiça, ser obrigado a gostar do Mouro? ( Shakespeare, p.14)

A tragédia é vista como uma representação nobre, essa interpretação para “ação

nobre”, faz-se do sentido dos personagens pertencerem à nobreza, sendo muitas vezes, reis, rainha, príncipes, ou que possuam um caráter nobre que é o caso de Otelo, como Mouro de Veneza.

Nas tragédias de Shakespeare, há momentos de quebra com paradigmas clássicos. Em Otelo, a situação se torna curiosa. Contém uma variedade de ações, e no decorrer parece que o personagem principal passa de Otelo para Iago. Sendo essa passagem complexa e ambígua, deixando-o como elemento principal na trama, pois o romance de Otelo e Desdêmona não teria sua harmonia quebrada de início.

O grande momento se torna esse jogo de interesse entre Iago e Cássio. O mouro que ganhou dinheiro sendo guerreiro, através de serviços prestados, tem a mente manipulada, por um homem frio e calculista como Iago.

Otelo vai à busca de uma vingança, como um homem ferido por sua amada, acredita-se em uma traição, ficando cego e nem mesmo considera as súplicas da amada. A imagem de Cássio com o lenço que havia presenteado Desdêmona o faz querer a morte.

Maldita seja ela, mulherzinha descarada, indecente e lasciva. Oh, maldita seja ela, maldita seja ela! Vamos, acompanha-me, separemo-nos dos outros. Vou retirar-me para suprir minha imaginação, com alguns meios rápidos de morte para aquele lindo demônio. Agora es tu meu tenente. (Shakespeare, p.99)

O individualismo que aflora nas tragédias shakespearianas marca uma ruptura com parâmetros clássicos, apontando para uma nova maneira de se relacionar com o mundo, onde, Shakespeare soube transportar para os palcos.

A impressão que temos é que a tragédia Otelo, está vinculada aos tempos atuais. Pois o enredo trata-se de diversos temas, como racismo, misoginia, miscigenação, choque culturais, conflito sexual, violência doméstica.

Ah, tu! Ladrão imundo, onde escondeste minha filha? Amaldiçoado como és, tu a enfeitiçaste. Pois eu apelo a todo bom senso e todo conhecimento e me pergunto se ela não está prisioneira de correntes mágicas. Quando é que uma donzela tão afável, linda e feliz, tão avessa ao casamento que

chegou a recusar os melhores , mais ricos e elegantes partidos de nossa nação, quando é que ela teria abandonado seu pai e protetor, correndo o risco de ser motivo de zombaria geral, para aninhar-se no peito negro de uma coisa como tu... figura que dá medo, e não prazer? Que o mundo me julgue, mas pergunto se não é indecente aos sentidos e o entendimento que tenhas praticado contra ela feições nojentos, abusando de sua delicada juventude com drogas ou minerais que debilitam os movimentos. Assim, argumentarei nos tribunais. Parece-me ser isso o mais provável e palpável ao pensamento. Assim sendo, declaro-te preso e proclamo tua detenção por seres pessoa nefasta ao mundo, um praticante das artes ilegais que se realizam sem licença. – Agarrem-no! Se ele resistir, tratem de dominá-lo... Por conta e risco dele próprio. (Shakespeare, p. 24).

O que podemos perceber que mesmo Otelo estando inteirado na cultura veneziana aparentemente e sendo admirado decorrente suas conquistas como mouro, a mesma sociedade o considera também pertencendo á outra cultura decorrente sua raça. Com um olhar de que não se tem o direito de conquistar uma branca e requintada sendo ele um bárbaro

“Entretanto, vale lembrar que Shakespeare explora em Otelo, como em todas as suas peças, uma multiplicidade de temas, o que não deixa de ser um reflexo de sua profunda compreensão da complexidade do comportamento humano” (Heliadora, 1997, p.275).

Percebemos que a leitura de Otelo nos remete a uma discussão em torno das paixões que envolvem os eternos conflitos humanos como a traição, a infidelidade, a deslealdade que acabam ditando o fim trágico do casal.

Otelo também se demonstra um homem de pouco estima rude, sem escolaridade, traz consigo a carga do preconceito racial, por ser negro. Se sente também inferior a Cássio ainda jovem e de beleza apreciado pelas mulheres. Fazendo com que Cássio pareça estar mais próximo da donzela Desdêmona do que ele. A inferiorização de Otelo pelo fato da cor de sua pele enquanto os demais personagens sejam brancos.

A partir daí desencadeia todo seu transtorno e ciúmes, Iago consegue desequilibrar

Otelo por que observa as características humanas, é observador e percebe que seu general possui essa baixa estima.

Já Desdêmona jovem, nobre, bem vista perante a sociedade, uma donzela que chamara atenção de importantes homens de Veneza, tem a juventude como uma forte aliada, sua beleza e delicadeza. Ela deixou seduzir-se pelo romance ingênuo e arrebatador de um guerreiro.

Tendo seu fim triste, como se tivesse sido abandonada por Deus, toda sua imagem de esposa dedicada, protetora de seu amo. Foi condenada a morte sem ao menos ter culpa, sendo vista como uma vítima em toda a história, a vingança de Iago, por conta do ódio ao seu marido, fez com que o mesmo a tirasse o direito de viver de uma maneira impiedosa, sem direito a um retrato final, ou um convencimento, nos dando a impressão que o mesmo amor que é belo e almejado, também pode ser cruel e assassino. Com a ajuda cega do ciúme.

E, no entanto, tu me assustas, pois sabe ser fatal quando revira os olhos dessa maneira. Por que deverias eu assustar-me contigo não faço a menor ideia, uma vez que desconheço culpas. Todavia, sinto-me assustada. (Shakespeare, p.152)

O primeiro ato tem a duração de toda uma noite, com todo o drama do sumiço de Desdêmona até a convocação de Otelo para Chipre e o perdão dado ao casal após o casamento mesmo às escuras.

O segundo e terceiro ato acontece por volta de uma semana depois do início da peça, por decorrer do tempo da viagem e do desfecho das articulações de Iago.

Os atos quarto e quinto nos remete a ideia que tenha durado um dia e uma noite, devido à decorrência dos fatos, todo desfecho da obra é passado de forma rápida e direta, tudo era favorável para a construção da trama.

Os fatos encontrados nessa tragédia fazem parte do cotidiano, como os preconceitos raciais e religiosos. O contraste entre a realidade e a aparência, quando ninguém nota que Iago é o causador de todos os conflitos, o fato do ciúme injustificado, onde Otelo nem sequer procura sua esposa para uma conversa, ou que ao menos a ouve,

mostrando assim o papel secundário da mulher perante uma sociedade. O marido se sente traído, a esposa é vista como infiel e o casal não tem uma solução do problema. Quem resolve o que será feito é o homem.

Percebe-se também o tratamento dado por Iago quando fala de Desdêmona como se realmente ela fosse uma mulher indigna.

E por fim, essa união de uma mulher branca com um mouro guerreiro de cor, na época, era uma situação pouco comum. E a violência sofrida para com a mulher, onde o marido despeja injúrias a sua esposa e por último a mata.

O drama de Otelo sobre esses assuntos de casamento, amor, fofoca, mentira... Desenvolvem uma idealização e ao mesmo tempo uma degradação no amor, desaparecendo assim a influência do papel feminino na trama.

Num primeiro momento, a mulher enfrenta o pai para ficar com o marido, no decorrer da cena, ela enfrenta a ira de Otelo, se deixando matar e cedendo a sua desconfiança, mesmo sem admitir absolutamente nada.

Apesar da esposa a sua fé no casamento e no amor pelo marido, sua credulidade, ingenuidade e honestidade se voltam contra ela, pois ela é incapaz de submeter-se à mentalidade ardilosa, cheia de preconceitos e nada sutil que povoa a mentalidade dos homens da época retratada na peça. Iago, com seu discurso sobre a identidade e a personalidade de Desdêmona, e para Otelo, ele passa de apaixonada a lasciva; de determinada a voluntariosa, de “doce guerreira” a “pássaro selvagem” (FRYE,1999).

Teve um final extremamente triste, inverso de tudo que era, pois além de perder a imagem de esposa dedicada, imaculada, ela é abandonada por Deus, não tendo em seus últimos momentos de vida sequer um consolo religioso.

Desdêmona serve para nós como exemplo da violência sofrida contra a mulher, onde o marido a julga, tira suas conclusões, não dando espaço para um argumento da vítima e parte para fazer “justiça com as próprias mãos”, justiça essa que ele se considera o juiz, onde o ódio e ciúmes são suas testemunhas. Levando ao extremo que é a morte.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa realizou levantamentos sobre o caminho percorrido da obra shakespeariana *Othello, o mouro de Veneza*, escrita provavelmente, por volta de 1603, sendo uma obra com várias diversidades no tema, como racismo, amor, ciúme, traição, vingança, mentira e gira em torno de quatro personagens principais: Otelo, sua esposa Desdêmona, seu tenente Cássio e seu alferes.

Essa peça foi inspirada no século anterior, numa espécie de fábula macabra chamada *Hecatommith*, de Giovanni Giraldi, no qual os valores da honra e da lealdade medievais estão em processo de mudanças e a Renascença já não contém o mesmo brilho. Vimos nessa tragédia à vida do próprio homem e suas dores, por não ter devido conhecimento a si mesmo e ser deixado levar por intriga do outro.

Num primeiro momento, realizamos o acervo biográfico do autor William Shakespeare com o objetivo de melhor nos situarmos a presente pesquisa. Todo esse levantamento biográfico nos direcionou e norteou à delimitação da obra shakespeariana em momentos, percorremos suas fases, tentando estabelecer uma cronologia baseando nas datas apresentadas, através da crítica literária.

Após contextualizar a obra, percebemos que mesmo sendo contemporâneo no período elisabetano, que se situa no fim do Renascimento europeu, que supervalorizava todas as capacidades do homem pelo estudo de conhecimento da natureza. Shakespeare soube aproveitar e enriquecer o máximo o seu teatro com cruzamentos visto como erudito e popular a aristocracia e o povo se mesclam abalando assim as estruturas das fronteiras culturais do período.

Num segundo momento levou a pesquisa para a obra de Otelo especificamente, demonstrando considerações importantes destacados na obra do teatro shakespeariano. Montamos um estudo dos personagens principais e em especial chamamos a atenção para

a personagem de Desdêmona, a esposa fiel, que decorrente uma vingança teve sua vida ceifada, sem piedade por seu amado marido. Desdêmona uma *lady*, moça branca, vindo de uma família importante, pois o pai era senador, que se apaixona por um mouro, guerreiro, mais velho e ela com toda sua juventude.

Bastou plantar a semente da dúvida que Iago fez muito bem, para que Otelo tirasse suas próprias conclusões e com isso também tirasse a vida de sua esposa, visando uma violência contra a mulher, onde o destino de toda mulher que “traí” seria a morte, e a mesma nem ao menos tivesse direito de convencê-lo ao contrario. Vimos que esses erros são exatamente o impasse na vida de Otelo, pois ele ama demasiadamente, mas seu amor para consigo ou o seu ego ferido é mais forte, bem como sua honra. Matando assim sua esposa, defendendo sua honra, mas acaba na verdade cometendo um erro, sua esposa sempre fora fiel.

Os personagens de Shakespeare trazem em si a marca de seu tempo, sempre nos mostra certa rebeldia sobre esses valores pré-estabelecidos, colocando sua consciência acima desses valores socioculturais. Talvez devido essas características dos personagens, suas obras são atuais sendo muito estudadas e pesquisadas, por ser tratar também do homem do nosso tempo, suas condições, seus desejos, o bem e o mal de cada individuo.

Demonstrando que a mulher não pode ultrapassar os limites de sua condição de papel secundário em uma sociedade patriarcal, fazendo só o que lhe é imposto pelo homem. Para o autor a cultura influencia o comportamento social, nascendo assim seus personagens, sendo produtos desse meio que foram socializados.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SEVCENKO, Nicolau. **Discutindo a história, O renascimento.** São Paulo.1988.

HELLER, Agnes. **O homem no renascimento.** São Paulo. 1982.

HELIODORA, Bárbara. **Falando de Shakespeare.** São Paulo: Perspectiva, 2001.

LESKY, Albin. **A tragédia grega.** São Paulo: Perspectiva, 1990.

MACHADO, Ana Maria. **Aspectos das Obras de Shakespeare.** São Paulo, 1997.

MONTEIRO, Claudia. **Mulheres que pecam.** Rio de Janeiro, 2001.

PAIVA, Marcelo. **Aspectos de Shakespeare.** In: O pensamento Vivo de Shakespeare. São Paulo, 1990.

SHAKESPEARE, William. **Otelo: o mouro de Veneza.** Trad. Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Melhoramentos, 1991.

SZONDI, Peter. **Ensaio sobre o trágico.** Trad. Pedro Sussekind. Rio de Janeiro, 2004.

SHAKESPEARE, William. **A megera indomada**. São Paulo, 2001.

SCHOENBAUM, S., **William Shakespeare A Documentary Life**, Oxford, 1975.

FRYE, Northrop. **Sobre Shakespeare**. Trad. Simone Lopes. São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1999.